

LINHAS FORÇA DA RENOVAÇÃO CATEQUÉTICA

O Papa João Paulo II, na *Catechesi Tradendae*, sublinha, com ênfase e sem lugar a equívocos, a importância da acção catequética como tarefa absolutamente primordial da missão da Igreja. Esta centralidade do agir catequético exige, ainda segundo o pensamento do papa, que à catequese se consagrem os melhores recursos humanos e outros, sem regatear esforços e meios.

Na Igreja actual, e sobretudo em razão do dinamismo do Concílio Vaticano II, a catequese na Igreja adquiriu uma renovada reflexão e empenho: a provar esta renovação estão o Directório Catequístico Geral (1971), as sessões do Sínodo dos Bispos consagrados à evangelização (1974) e à catequese (1977) e as exortações apostólicas respectivas, a *Evangelii Nuntiandi* (1975) e *Catechesi Tradendae* (1979). O Sínodo dos Bispos de 1985, ao pedir um Catecismo ou compêndio de toda a doutrina católica e o próprio Catecismo da Igreja Católica (1993) testemunham a relevância da catequese hoje na reflexão e vida da Igreja. O Directório Geral da Catequese (1997) veio organizar e harmonizar para os dias de hoje toda a reflexão e orientação catequética pós-conciliar.

Mais recentemente ainda, e no contexto daquilo que o Papa ousou designar de Nova Evangelização¹ para o novo milénio, temos as Exortações Apostólicas *Tertio Millennio Adveniente* (1994), *Novo Millennio Ineunte* (2001) e *Ecclesia in Europa* (2003). Estes documentos oferecem-nos sobretudo uma análise objectiva e serena dos sinais dos tempos e algumas linhas, critérios e princípios inspirados para uma catequese hoje.

I. A CATEQUESE E O CONTEXTO SOCIO-CULTURAL

1. SITUAÇÕES SOCIO-CULTURAIS QUE AFECTAM A ACÇÃO CATEQUÉTICA

Uma leitura minimamente atenta aos sinais dos tempos permite-nos identificar um conjunto significativo de situações e condições sociais e culturais que dificultam a acção catequética e sobretudo põem em estado de crise as vias e âmbitos da transmissão da fé.

Assim:

- a) O secularismo da sociedade e das suas instituições têm contribuído largamente para o debilitar e o abandono da fé; num contexto como este o cristianismo corre o risco de se reduzir a mero vestígio do passado (EE, 7); este secularismo tem também consequências existenciais concretas, dificultando a integração da mensagem evangélica na experiência diária, onde a fé em Jesus é permanentemente desafiada e ameaçada; onde é mais fácil dizer-se e definir-se como agnóstico do que crente; o secularismo reinante gera a impressão de que “o normal é não crer, enquanto o acreditar teria necessidade de uma legitimação social não óbvia nem automática” (EE, 7);
- b) A “crise da memória e herança cristãs, acompanhada por uma espécie de agnosticismo prático e indiferentismo religioso”, dando a impressão de que não há um substrato espiritual significativo para a vida (Cf. EE, 7);

¹ Expressão de João Paulo II, em 1983, no Haiti.

- c) A fragmentação da existência, com as subsequentes crises de solidão, de unidade, crises da família e do seu próprio conceito, crises étnicas, racistas, inter-religiosas, indiferença ética, crise do ser em detrimento do ter (Cf. EE, 8); A isto pode ainda juntar-se a fragmentação da verdade - parece que não existe a verdade, mas um conjunto variável de verdades dependentes dos sujeitos emissores das mesmas: isto conduz muitas vezes à “religião da emoção”, sem base doutrinal segura; a uma secularização interna, a um cristianismo selectivo, à redução da fé ao âmbito privado, à consideração do pluralismo como o bem supremo...
- d) “A tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo” (EE, 9). O homem, centro absoluto da realidade, aparece agora no lugar de Deus. Este “esquecimento” de Deus levou ao abandono do homem e conseqüente nihilismo filosófico, relativismo gnoseológico e moral, pragmatismo e hedonismo. “A cultura europeia dá a impressão de uma “apostasia silenciosa” por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse” (EE, 9);
- e) O aparecimento duma nova cultura, configurada pelos meios de comunicação social, “com características e conteúdos frequentemente contrários ao Evangelho e à dignidade humana” (EE, 9);
- f) O agnosticismo religioso cada vez mais generalizado e articulado com o relativismo moral e jurídico (Cf. EE, 9);
- g) A cultura de morte, ofuscadora da esperança e geradora de desorientação, incerteza e inquietação (Cf. EE, 7 e 9).

2. A CRISE DAS VIAS E ÂMBITOS DA TRANSMISSÃO DA FÉ

Estes fenómenos sócio-culturais colocam em crise as vias e âmbitos tradicionais da transmissão da fé.

- a) as vias (normais) da transmissão da fé (a família, a paróquia, a escola e os movimentos cristãos) encontram-se fortemente afectados pelos fenómenos sócio-culturais que perdem vigor e deixam de ser pilares fundamentais da transmissão da fé;
- b) A sociedade deixou de exercer o chamado “catecumenado social” (a tradição perdeu peso e relevância);
- c) A família, por influência de algumas correntes contrárias ao evangelho, dos media, do consumismo e de certos critérios morais, deixou de dar a fé a beber com o leite materno, deixou de possibilitar o banho familiar da fé;
- d) À crise das vias e âmbitos tradicionais acresce a precariedade e provisoriedade dos novos âmbitos, vias e modos de transmissão da fé;
- e) Esta crise da transmissão da fé radica sobretudo na falta ou pelo menos debilidade da fé no Senhor e numa insuficiente adesão à verdade e ao acontecimento de Jesus Cristo.

3. A CRISE DA CONCEPÇÃO DE CATEQUESE

Esta crise afecta ainda a própria concepção de catequese e os seus principais agentes:

- a) A catequese aparece muitas vezes como mera sensibilização, vago anúncio de Jesus Cristo, sem alimentar e ensinar a fé, isto é, desenvolver, com a ajuda da graça de Deus,

- uma fé (ainda) inicial; 2) explicitar a inteligência do mistério de Cristo à luz da palavra de modo a que o homem se deixe transformar por ela; 3) ajudar a que o cristão, ajudado pela graça de Deus, se disponha a seguir Jesus Cristo, e em Igreja, aprenda a pensar e a julgar como Ele, e a actuar e esperar, a orar e a adorar, como Jesus nos convida; 4) capacitar para entender, celebrar, viver e testemunhar a Boa Nova e participar na vida inteira da comunidade eclesial; 5) fomentar nos cristãos o desejo de dar testemunho da sua fé e de ser evangelizadores dos outros; 6) capacitar os cristãos para serem capazes de dar as razões da sua esperança;
- b) Frequentemente, catequese centra-se nos aspectos metodológicos e psico-pedagógicos, renunciando assim, e na maioria dos casos, a colocar o catequizando em contactos com os “documentos da fé”;
 - c) A catequese raramente aparece como um itinerário de fé, isto é, raramente está ao serviço duma processo de iniciação cristã;
 - d) A Catequese socorre-se quase exclusivamente das pedagogias e ciências da educação modernas esquecendo a originalidade da pedagogia da fé que é a base de toda a pedagogia catequética;
 - e) A catequese não evidencia o carácter eclesial da mesma, não “fala” a linguagem própria da fé e não dá primazia às “fontes” da catequese; as dimensões da vida cristã (professar, celebrar, viver e rezar) aparecem quase sempre desarticuladas, fragmentadas ou como experiências pontuais e sem consistência;
 - f) A dedicação e atenção à catequese parecem insuficientes a todos os níveis da responsabilidade pastoral: a formação catequética dos pastores, bispos e sacerdotes, é manifestamente insuficiente, quer no toca à preparação para o ministério quer no que toca à formação permanente; na formação de catequistas ainda não se empregam e gastam os melhores recursos; a comunidade cristã ainda não tem consciência do seu protagonismo catequético; deixou de se investir na família interlocutor e parceiro catequético, etc.

Esta nova situação social e cultural reclama e exige uma renovação da acção catequética.

II. UM NOVO CONTEXTO: UMA CATEQUESE RENOVADA

Antes de mais, cumpre-nos o dever de dar como suposto que todos estamos convocados e empenhados em anunciar o Evangelho, em fazer “memória” do acontecimento da salvação, em anunciar e celebrar o dom de Deus a favor do homem Jesus Cristo, nosso Salvador. Trata-se portanto de partir da convicção de que todos aceitamos o desafio duma evangelização “nova no seu ardor, nos seus métodos e expressões”². Na verdade, só uma Igreja evangelizada pode evangelizar. Só uma Igreja renovada e fortalecida na fé, uma Igreja cujos membros sejam e estejam revitalizados internamente, que vive enxertada em Jesus Cristo, pode apresentá-lo ao homem de hoje como sua esperança e salvação. De outra forma, que não esta, a Igreja oferecerá discursos, ideias, palavras brilhantes e sugestivas, mas não a Boa Nova do Evangelho, porque os planos, os programas, as estratégias, os esforços por si só e sem mais não

² Expressão de João Paulo II, em 1983, no Haiti.

evangelizam³. O que evangeliza verdadeiramente é a vivência comunitária da fé e o testemunho fiel do seguimento do Senhor⁴.

Diante deste novo contexto sócio-cultural que (tipo de) catequese é necessária e adequada? A Em que condições e com que características?

As respostas a estas questões, na fidelidade a Deus e ao homem, constituem as linhas força da renovação catequética hoje:

1. UMA RENOVADA CONCEPÇÃO DA CATEQUESE

A catequese não é uma acção isolada no “que fazer” da Igreja; e para a sua recta compreensão, há que situá-la dentro do processo de evangelização. A catequese segue a acção missionária e antecede a acção pastoral. Acompanha o itinerário de fé daqueles que se converteram a Jesus Cristo e inicia-os na participação madura, activa e responsável da vida de fé madura, vivida em comunidade pela confissão e testemunho de fé em Jesus Cristo.

O Directório Geral da Catequese descreve bem este momento: “O «*momento*» da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante «um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo», são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de facto, de «os iniciar na plenitude da vida cristã”. (DGC, 63)

A catequese, ao realizar de diversas formas esta função de iniciação do ministério da Palavra, lança os fundamentos do edifício da fé. Outras funções do mesmo ministério construirão depois os diferentes andares desse mesmo edifício.

A catequese de iniciação é, assim, o elo necessário entre a acção missionária, que chama à fé, e a acção pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã. Não é, portanto, uma acção facultativa, mas sim uma acção basilar e fundamental para a construção, tanto da personalidade do discípulo, como da comunidade. Sem ela, a acção missionária não teria continuidade e seria estéril. Sem ela, a acção pastoral não teria raízes e seria superficial e confusa: qualquer tempestade faria desmoronar todo o edifício.

Na verdade, «o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência aos designios de Deus, dependem essencialmente da catequese». Neste sentido, a catequese deve ser considerada como momento prioritário na evangelização”. (DGC, 64).

A catequese, período intensivo do processo evangelizador, distinto do primeiro anúncio, é:

³ DEL CAMPO GUILARTE, Manuel - *Evangelizacion y catequesis - critérios y principios inspiradores para una catequesis hoy*

⁴ Esta tarefa de renovação, este esforço de revitalização da fé em comunidade, este crescimento da identidade cristã é fundamentalmente, ainda que não exclusivamente, obra da catequese. Aliás, a renovação é a função própria e específica da catequese: a revitalização, a renovação da vida cristã e eclesial, a educação e amadurecimento da fé do baptizado.

A catequese, dizem-no todos os documentos pós-conciliares que a ela se referem, é uma tarefa absolutamente necessária e primordial no interior da missão evangelizadora da Igreja. A catequese é também um instrumento básico e imprescindível da evangelização⁴. O Catecismo da Igreja Católica afirma que “os períodos de renovação da Igreja são também tempos nos quais a catequese lhes corresponde com maior empenho”⁴. Cf. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 41-42 e 76; JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 42.

- um ensino elementar, orgânico e sistemático, mas bastante completo sobre o mistério de Cristo;
- uma iniciação cristã integral, aberta a todas as esferas da unidade da vida cristã: confissão de fé, participação nos sacramentos, vida nova no Espírito, oração, apostolado.

A catequese tem uma dupla finalidade: 1) “fazer amadurecer a fé inicial e 2) educar o verdadeiro discípulo por meio dum conhecimento mais profundo e sistemático da pessoa e da mensagem de nosso Senhor Jesus Cristo” (CT, 21).

Esta dupla finalidade implica outros aspectos:

- 1) alimentar e ensinar a fé, isto é, desenvolver, com a ajuda da graça de Deus, uma fé (ainda) inicial;
- 2) explicitar a inteligência do mistério de Cristo à luz da palavra de modo a que o homem se deixe transformar por ela;
- 3) ajudar a que o cristão, ajudado pela graça de Deus, se disponha a seguir Jesus Cristo, e em Igreja, aprenda a pensar e a julgar como Ele, e a actuar e esperar, a orar e a adorar, como Jesus nos convida;
- 4) capacitar para entender, celebrar, viver e testemunhar a Boa Nova e participar na vida inteira da comunidade eclesial;
- 5) fomentar nos cristãos o desejo de dar testemunho da sua fé e de ser evangelizadores dos outros;
- 6) capacitar os cristãos para serem capazes de dar as razões da sua esperança.

A peculiaridade da catequese radica em ser um período de ensino e maturação, de reflexão vital sobre o mistério de Cristo, de iniciação integral, vital, ordenada e sistemática, na revelação que Deus fez de si mesmo em Jesus Cristo e fielmente conservada na memória profunda da Tradição viva da Igreja.

A catequese é tarefa necessária e absolutamente prioritária para que a Igreja se reconheça e identifique como evangelizadora.

2. UMA CATEQUESE MISSIONÁRIA E FUNDANTE

Em muitos países de tradição cristã (e às vezes também nas Igrejas mais jovens), a catequese tem de assumir as funções de primeiro anúncio ou acção missionária, porque esta, ou não aconteceu, ou se produziram mudanças que requerem um novo anúncio.

No ‘corajoso diagnóstico’ que o Papa João Paulo II faz à Igreja na Europa este carácter missionário e fundante aparece ‘terapia oportuna’, em razão do aumento do número das pessoas não baptizadas, *“seja pela consistente presença de imigrantes que pertencem a outras religiões, seja também porque famílias de tradição cristã não baptizaram os filhos (...).A Europa - reconhece o Papa - faz parte já daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além duma nova evangelização, se requer em determinados casos a primeira evangelização”*⁵.

Esta terapia comporta uma *“verdadeira e própria missio ad gentes (EE, 46)*⁶. E também uma missão ad intra, porque também é necessário e urgente um renovado anúncio para quem é baptizado, sobretudo em razão do desconhecimento do que é realmente o cristianismo, da ignorância dos rudimentos da fé, do ateísmo prático, da prática religiosa desvinculada da

⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *ECCLESIA IN EUROPA*, 46.

⁶ *Ibidem*.

aceitação do conteúdo da fé e da adesão à pessoa de Cristo, do “sentimento religioso vago e pouco empenhativo”; do divórcio entre a fé e a vida; do “humanismo imanentista”; da “interpretação secularista da fé cristã”; da perda dos grandes valores evangélicos, etc⁷.

Esta situação exige que a catequese assuma uma função mista: primeiro anúncio e catequese fundante entrelaçam-se na acção catequética a desenvolver. Não se trata dum primeiro anúncio em sentido estrito, uma vez que já se trata de cristão, nem de catequese em sentido profundo, já que se quer suscitar a conversão - mas de catequese que assume uma perspectiva, uma linguagem, uma pedagogia e também uns conteúdos particularmente missionários. A chave desta catequese é a conversão e a fundamentação da fé e o centrar-se nos conteúdos e núcleos fundamentais da fé ou substância viva do Evangelho⁸.

Quer se destine aos não-crentes ou aos já baptizados não (inteiramente) convertidos, a catequese tem como termo o encontro com Cristo e a decisão global por Ele e pela Sua causa e a adesão pessoal a Ele. Para chegar a esta comunhão e intimidade, a conversão assume um carácter nevrálgico; é a pedra angular para o cristão e para a comunidade eclesial e é a meta duma catequese em “situação intermédia”.

Neste contexto, a catequese⁹, dirigida aos distantes, não praticantes, os baptizados não-convertidos:

- 1) inicia na escuta e acolhimento do Evangelho e na pertença à Igreja de modo a que “algo” de decisivo aconteça e afecte a pessoa toda;
- 2) exige uma tomada de consciência dos ritmos e itinerários da fé e da edificação da Igreja;
- 2) inicia para a missão e testemunho;
- 3) possibilita a fé no seu dinamismo gozoso e salvífico;
- 4) suscita atitudes de expectativa, busca e abertura à novidade permanente do Evangelho;
- 5) desperta para as questões mais profundas da pessoa humana - caminho da Igreja e lugar para o diálogo e encontro com a descrença;
- 6) proporciona espaços de credibilidade e comunicabilidade da fé no mundo actual.

Esta catequese ‘missionária’ ou ‘nova evangelização’ é uma acção chave e prioritária para a Igreja que, na fidelidade à sua identidade e vocação, se sente chamada e quer ser evangelizadora.

3. UMA CATEQUESE AO SERVIÇO DA INICIAÇÃO CRISTÃ E COMO INICIAÇÃO CRISTÃ

⁷ Cf. *Ibidem*. As expressões entre aspas são citações do texto.

⁸ O dar-se por suposta a conversão e a fé em todo o baptizado, para além de infra-valorizar o papel decisivo e misterioso dos participantes do diálogo da salvação (Deus e o homem), pode conduzir a uma acção pastoral e catequética que instrui na fé, mas sem propor, suscitar e despertar a fé que salva como conversão e decisão pessoal.

⁹ DEL CAMPO GUILARTE, *idem*, sugere outras características duma catequese missionária e fundante, em duas vertentes:

em relação com os objectivos - ajudar o catequizando na busca da sua verdadeira identidade; o anúncio e apresentação de Jesus Cristo como o único salvador do homem; a proposta e desafio à conversão e adesão a Deus; a proposta clara do seguimento de Jesus Cristo;

em relação à compreensão e explicitação dos conteúdos: princípio do teocentrismo trinitário e cristocentrismo; integralidade da fé; objectividade; organicidade e harmonia própria; realismo da fé; hierarquia das verdades da fé; estreita relação entre o mistério da fé e a existência humana.

A relação entre iniciação Cristã e Catequese é hoje dum actualidade fundamental, não só nem simplesmente em razão da actual situação cultural e social, mas sobretudo da necessidade que a Igreja tem de aprofundar e ser fiel à sua vocação de ser origem, lugar e meta do processo catequético de iniciação.

A Igreja, se quer ser fiel a si mesma, à sua profunda identidade, não pode renunciar à sua responsabilidade maternal específica: a de gerar novos filhos, pelo Espírito, em Cristo.

O Directório Geral da Catequese, nº 66 explicita que *“a catequese é um elemento fundamental da iniciação cristã e está estreitamente ligada aos sacramentos de iniciação, de modo particular ao Baptismo, «sacramento da fé». (...) A finalidade da acção catequética consiste precisamente nisto: favorecer uma profissão de fé viva, explícita e actuante. Para alcançar esta finalidade, a Igreja transmite aos catecúmenos e aos catequizandos a sua fé e a sua viva experiência do Evangelho, a fim de que estes a assumam como sua e, por sua vez a professem. Por isso, «a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade, em Jesus Cristo. Esta revelação permanece na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e é constantemente comunicada, por uma tradição (traditio) viva e activa, de geração em geração”*.

A relação entre Iniciação Cristã e Catequese é ratificada pela estrutura e organicidade do *Catecismo da Igreja Católica*. A partir do *Catecismo* compreende-se que a catequese tem necessariamente de estar hoje ao serviço da Iniciação Cristã: *“a missão de baptizar, isto é, a missão sacramental, está subentendida na missão de evangelizar”* (CatIC, 1122).

A Iniciação Cristã que a Catequese promove e desenvolve pode ser pré-baptismal, isto é, fazer-se em ordem ao baptismo, ou pós-baptismal, se faz crescer, desenvolver e amadurecer a graça baptismal já recebida.

A recente Exortação Apostólica *“A Igreja na Europa”* manifesta e revela quanto a Iniciação Cristã está ao serviço do *“Evangelho da Esperança”*. O Papa João Paulo II, ao recolher as linhas fundamentais da Assembleia Sinodal, estrutura a sua exortação numa perspectiva claramente iniciatória. Em ordem a propor *“O Evangelho da esperança confiado à Igreja do Novo Milénio”* (capítulo II), o Papa sublinha a urgência e a necessidade de Anunciar, Celebrar e Servir o Evangelho da Esperança (respectivamente capítulos III, IV e V). Trata-se, portanto, de fazer *“nascer de novo”*, de iniciar de novo à fé, de re-evangelizar.

4. UMA CATEQUESE COMO ITINERÁRIO DE FÉ

Mediante a Palavra e os Sacramentos de Iniciação, a Igreja vincula o homem a Cristo, introduzindo-o (na totalidade do seu ser) na comunhão trinitária e eclesial.

A catequese é, segundo o nº 66 do Directório, *“um elemento fundamental da iniciação cristã e está estreitamente ligada aos sacramentos de iniciação, de modo particular ao Baptismo, “sacramento da fé”. O elo que une a catequese ao Baptismo é a profissão de fé, que é, ao mesmo tempo, o elemento interior deste sacramento e o objectivo da catequese. (...) A catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade, em Jesus Cristo. Esta revelação permanece na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e é constantemente comunicada, por uma tradição (traditio) viva e activa, de geração em geração”*.

A catequese de Iniciação Cristã possibilita um itinerário de conversão e de crescimento na fé:

a) Um itinerário de fé como exercício de vida cristã - O processo de iniciação cristã é um caminho ou itinerário catequético que deve ser entendido como exercício gradual e completo da vida cristã e, enquanto tal, deve compreender: o anúncio do Deus vivo e o apelo à conversão; a escuta da Palavra e a interiorização orgânica da mesma; a introdução na experiência da liturgia e da oração da Igreja; a conversão e a mudança radical da vida; o desenvolvimento dos compromissos próprios da conversão e do seguimento de Jesus Cristo; a aprendizagem progressiva da vida em Cristo sob a orientação da comunidade eclesial.

Para concretizar este exercício da vida cristã é necessário contar com um âmbito real de fé que acolha e envolva o catequizando, e progressivamente o vá integrando em si, com a ajuda do catequista e da comunidade. Trata-se de oferecer ao catequizando a possibilidade de “submergir-se” na experiência viva profissão, celebração, vivência e oração da fé da Igreja. Trata-se também de que o catequizando pratique a vida cristã. Não basta que a veja, que a conheça, mas que aprenda a vive-la, a alimentá-la, a lutar contra o pecado e o mal, etc.

Assim, a catequese de iniciação cristã não é uma mera exposição de verdades e preceitos; é algo mais que uma simples instrução ou desenvolvimento discursivo ou prático das capacidades do catequizando; é algo mais que um “treino” nas coisas da fé ou um programa ou processo rigorosamente desenhado ao modo acadêmico. É, acima de tudo, exercício da vida cristã, é escola de fé, “formação e noviciado devidamente prolongado de toda a vida cristã” (CT, 22).

b) Um itinerário de fé como formação orgânica, sistemática e básica da fé cristã - A realidade da iniciação cristã supõe uma formação orgânica, sistemática e básica da fé cristã (Cf. CT, 22). Isto significa que tem de ser um acto de tradição viva ao serviço da transmissão da fé; que o seu conteúdo é a revelação de Deus e o acontecimento da salvação. A catequese inicia e tem como conteúdo estas realidades fundamentais. Não se trata, portanto de afirmações vãs ou simples ideias para o pensamento ou normas para a conduta. São realidades: são acontecimentos do amor de Deus ao largo da história da salvação.

Estas realidades de fé, expressas em linguagens distintas constituem um corpo orgânico e coerente de certezas e verdades que devem ser apresentadas aos catequizandos organicamente e não ser reduzidas ao meramente circunstancial ou ocasional. Enfim, “por ser iniciação incorpora a comunidade que vive, celebra e testemunha a fé” (DGC 68).

c) Um itinerário de fé como um caminho a percorrer em diversas etapas - A iniciação cristã implica também um itinerário de fé desenvolvido com gradualidade e progressão, articulado num processo por etapas. Este itinerário tem como modelo a pedagogia de Deus ao longo da história da salvação e a prática da Igreja Primitiva do catecumenado Baptismal¹⁰.

¹⁰ A partir do *RICA* podemos apresentar as seguintes etapas:

1) **O tempo do anúncio missionário** - tempo de procura ou pré-catecumenado; inícios da fé, primeira apresentação da mensagem cristã, centrado no essencial e nuclear da Boa Nova, dando a conhecer o Kerigma e as suas consequências ou implicações (pessoais, sacramentais e morais) para o homem.

2) **A entrada no catecumenado** - A entrada no catecumenado opera-se por primeiro exame ou avaliação das motivações e idoneidade do catecúmeno: a vida espiritual preeliminar, os conhecimentos fundamentais da doutrina, a conversão inicial, a vontade de mudar de vida, a vida de relação com Deus, alguma experiência com a comunidade cristã.

Depois deste “exame” celebra-se o rito de “Entrada no Catecumenado”, mediante o acolhimento da Igreja. A partir daqui o catecúmeno é alimentado com a Palavra de Deus e favorecido com as ajudas litúrgicas necessárias.

3) **O tempo do catecumenado** - tempo de formação cristã integral, de aprendizagem da fé e da vida cristã, do amadurecimento da conversão e adesão a Deus. A Igreja desenvolve esta educação dos catecúmenos mediante uma catequese progressiva, sistemática e orgânica, que se acomoda ao ano litúrgico e às outras celebrações litúrgicas, em ordem ao conhecimento vivo do mistério da salvação e à educação na totalidade da vida cristã; e possibilita também ao catecúmeno, as graças necessárias para o fortalecer na luta contra as forças do mal; exercita-o na oração e nos valores evangélicos.

4) **A eleição e inscrição do nome** - A eleição é precedida dum exame de idoneidade. Para além da fé e da vontade firme de receber os sacramentos, requer-se a “conversão da mente e dos costumes, um suficiente conhecimento da doutrina cristã e

d) **Formas de iniciação cristã** - Hoje, como já dissemos sumariamente, existem fundamentalmente duas formas de realizar a iniciação cristã:

- o catecumenado pós-baptismal, para quem recebeu o batismo nos primeiros meses de vida. Supõe um itinerário catequético e sacramental que se desenvolve ao longo da infância e adolescência.

- a iniciação cristã de pessoas (crianças, jovens e adultos) não batizadas (catecumenado pré-baptismal) que culmina com a celebração dos três sacramentos de iniciação.

III. QUESTÕES PARA A PASTORAL CATEQUÉTICA

1. A TRANSMISSÃO DA FÉ COMO PROPOSTA DA FÉ

Face à actual situação sócio-cultural actual e à crise das vias e âmbitos da fé, a transmissão da fé não pode fazer-se hoje com outrora. A fé cristã já não encontra o seu lugar nas evidências culturais e espirituais da cultura actual. Querer fazer prevalecer as vias tradicionais e os âmbitos normais da transmissão da fé manifestará incapacidade da leitura dos sinais dos tempos e de a falta de confiança na providência amorosa de Deus. É necessário portanto passar de uma missão de “manutenção” duma fé já implementada, transmitida no cadinho familiar e de inscrição na comunidade eclesial, à dinâmica de proposição. Esta atitude fundamental consiste em propor a força do Evangelho no que ele tem de radicalmente novo, até de desconcertante e de louco e exige daquele que se arrisca a “comprometer-se” com esta atitude, um voltar às fontes da fé cristã.

1. A comunidade: sujeito e agente principal da catequese - Nas nossas comunidades cristãs, a maioria dos cristãos pensa que isso da catequese é coisa de meio dúzio de entendidos, de gente suficientemente habilitada e devidamente especializada. Mais: na paróquia trabalha-se baste a formação de catequistas e a organização da catequese das crianças e adolescentes. Ora, importa reflectir que esta práxis colocou progressivamente a catequese, num lugar exterior à comunidade cristã, que se sentiu dispensada desta missão. A catequese é considerada ainda como a antecâmara da verdadeira vida cristã, e não representa, para ela,

sentimentos de fé e caridade” (RICA, 23). Segue-se o rito da eleição e inscrição do nome. Com esta celebração conclui-se o tempo do catecumenado.

5) **O tempo da purificação e da iluminação** - Nesta etapa, que coincide com a Quaresma e conclui com a Vigília Pascal, os catecúmenos preparam-se de modo intensivo para as celebrações pascais e para receber os sacramentos de iniciação. Esta preparação faz-se pela catequese e liturgia, pela reflexão e oração, pela penitência e o jejum, a purificação do coração. Os traços fundamentais desta preparação são o aprofundamento da Sagrada Escritura e do símbolo da fé, a intensificação espiritual, a celebração dos exorcismos e escrutíneos, e a entrega dos símbolos da identidade cristã (o Credo e o Pai Nosso).

6) **Celebração dos Sacramentos da iniciação cristã** - Esta etapa ocorre na Vigília Pascal com a recepção dos três Sacramentos da Iniciação.

7) **O tempo da mistagogia** - Recebidos os três sacramentos começa uma nova e definitiva etapa da iniciação cristã. Os neófitos, ajudados pela comunidade dos fiéis e através da meditação do Evangelho, da catequese, da experiência sacramental frequente e do exercício da caridade, aprofundam os mistérios celebrados, consolidam a prática da vida cristã e exercitam-se nas responsabilidades da sua incorporação à comunidade.

uma dimensão constitutiva. Colocamo-la à parte, esperando que ela seja um agulhão para mudar as comunidades.

Todavia, é a comunidade cristã que é “catequizante” porque esta é a sua missão (DGC, 220). O Directório diz explicitamente que “a comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese da catequese” (DGC, 254). Dizer que a comunidade cristã é a origem da catequese significa que a comunidade é simultaneamente sujeito e agente da acção catequética; dizer que é o lugar significa reconhecer a comunidade como o “meio ambiente” onde a iniciação cristã se opera; dizer que é a meta clarifica a finalidade da própria catequese que é a incorporação na fé, celebração, vida e oração da Igreja.

Se a comunidade aceitar o seu protagonismo “catequizante” e a catequese for eminentemente eclesial, talvez perguntemos menos o que é a catequese e especificaremos mais e melhor a dimensão catequética de qualquer acção pastoral¹¹.

2. Nova configuração dos destinatários da catequese - Fazemos ainda recair sobre a criança uma boa parte das nossas esperanças pastorais, e não nos damos conta que estamos a carregar demasiadamente o barco. Que é que se passa de facto para muitas das nossas crianças hoje? Após alguns anos de vida em comum durante os quais os jovens tentarão encontrar um equilíbrio para a vida afectiva e profissional, fazem, como se diz, um filho. Os elementos em jogo são graves e fazem ressurgir neles a velha lembrança do religioso; nasce o desejo de o baptizar e de marcar assim, a importância do seu acto, mas não são casados... uma nova história religiosa começa a partir da criança: casamento na Igreja, seguido do baptizado da criança, e depois o despertar para a fé... Este relato rápido mostra que as relações de transmissão estão invertidas: a criança é a mediação da fé dos pais quando tradicionalmente pensava-se que a vida familiar e o exemplo dos pais era a mediação da fé das crianças.

Em vez de concentrar todo o esforço sobre a criança, seria necessário conceber uma catequese como acção permanente ao longo de toda a vida.

Aproveitando o nosso largo espectro de participação das crianças na Catequese, seria de reconhecer e propor aos pais um percurso de fé a partir do seu estatuto de educadores e de nossos parceiros educativos.

É absolutamente necessário também propor itinerários catequéticos consistentes para jovens, adultos e anciãos.

3. Uma catequese intergeracional - No seguimento do aspecto anterior, uma linha de renovação que me parece ser necessário aprofundar será o que no mundo francófono se designa de catequese intergeracional. Se a comunidade cristã, como dissemos, é a origem, lugar e meta da catequese, a catequese que a comunidade faz e promove é intergeracional, isto é, é uma catequese não sectorial ou compartimentada, mas aberta a todos e onde todos são beneficiários da graça de Deus. Isto não significa a subordinação de uns aos outros (crianças aos adultos) mas implica e exige comunhão (a haver subordinação seria dos adultos às crianças).

A divisão da catequese por idades é uma solução pertinente e adaptada numa sociedade cristã. Todavia, essa parece não ser já a situação da nossa sociedade. Assim, uma comunidade que quer ser proposta comunitária de fé não deve separar as diversas idades, não limita a catequese às crianças e adolescentes, pensa em catequese intergeracional, cria lugares e tempos de acompanhamento.

É necessário que a catequese não seja nunca monopólio de especialistas, mas obra de toda a comunidade¹².

¹¹ Denis Villepellet

4. Uma catequese como narração da fé: a primazia do testemunho - Em razão da sua missão, a Igreja tem de comunicar e narrar aos homens de todos os tempos os acontecimentos da salvação¹³. À Igreja compete hoje, como sempre, continuar este testemunho: anunciar a presença e a intervenção salvadora de Deus hoje em Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Anunciar, assinalar e narrar aos homens de hoje as obras do amor de Deus na sua Palavra, nos Sacramentos da Igreja, nas obras da criação, nos mistérios e carismas presentes na Igreja. Dar testemunho desta realidade misteriosa que é a Igreja e que o crente conhece e vive é a missão do crente em Igreja. O testemunho tem uma dimensão teológica, mas também a dimensão do testemunho da vida e o testemunho das obras próprias da vida cristã.

Assim, a catequese hoje terá de passar da mera exposição da fé feita em registo de instrução, à narração dos acontecimentos da fé, à forma testemunhal do anúncio da fé. Mais do que uma catequese intelectual e meramente doutrinal deve buscar-se uma catequese testemunhal. Mais do que “explicar” Jesus Cristo, a sua doutrina e a sua obra, é necessário hoje dar testemunho de Jesus Cristo, torná-lo próximo e atrair o catequizando para a pessoa de Jesus. Trata-se de narrar a história da salvação como realidade presente e viva que possibilita a história pessoal do encontro do catequizando com Deus no seio da Igreja e pela mediação do catequista¹⁴.

2. UMA CATEQUESE QUE INICIE NA FÉ

Da relação entre Iniciação Cristã e Catequese brotam fundamentalmente dois grupos de consequências pastorais: um relativa à Iniciação Cristã e outro relativa à Catequese.

1. Pastoral da Iniciação Cristã

A Iniciação tem de penetrar a teologia e a práxis eclesial não como um “modo” pastoral, não como um estilo, não como um caminho, mas como “natureza” e “identidade” própria da pastoral e da catequese: a função específica da catequese é iniciar na fé, é suscitar e fazer amadurecer a fé.

Assim, a nosso ver, e no que toca à Pastoral da Iniciação cristã, é necessário:

- a) que a Iniciação Cristã se assuma definitivamente na vida das comunidades cristãs, não simplesmente como prática ou método pastoral, mas sobretudo como pedagogia de fidelidade ao dinamismo da própria fé;
- b) pensar e organizar o Catecumenato de Adultos, quer pré-basptismal, quer pós-baptismal;
- c) propor e organizar a educação permanente da fé da comunidade cristã em chave de iniciação Cristã, isto é, aprofundando as dimensões essenciais da fé: a fé professada no Credo, a fé celebrada nos Sacramentos, a fé vivida pelos Mandamentos e Bem-aventuranças e a fé interiorizada na Oração.

2. Catequese de Iniciação Cristã

¹² DERROITTE, Henri - *Para una nueva catequesis - Jalons para un nuevo proyecto catequético*. Sal Terrae, Santander, 2004, 76-80.

¹³ Os acontecimentos fundamentais da salvação são que Deus visitou o seu povo (Cf Lc 1, 68); cumpriu as suas promessas feitas a Abraão e à sua descendência (Cf Lc 1, 55); constituiu com o seu povo uma aliança; e enviou a Jesus Cristo (Cf. Mc 1, 11) que, pela sua humanidade, reconcilia o mundo consigo (Cf 2Cor 5, 19) e “nisto se manifestou o amor que Deus nos tem: Deus enviou ao mundo o seu Filho Único para que vivamos por meio d’Ele” (Cf 1 Jo 4, 9). Ver DEL CAMPO, Manuel - xxxxx

¹⁴ DEL CAMPO, Manuel - *Evangelización y catequesis - Criterios y principios inspiradores para una catequesis hoy*.

A catequese está ao serviço da Iniciação. Aliás, o Directório Geral da Catequese, ao falar da “catequese no processo da evangelização”, enuncia as duas (únicas) formas de catequese: a catequese de iniciação cristã e a educação permanente da fé¹⁵.

A catequese de iniciação cristã, segundo o Directório (nº 67), deve ter e/ou desenvolver as seguintes características fundamentais:

- 1) *“Uma formação orgânica e sistemática na fé”;*
- 2) *“esta formação orgânica é mais do que um ensino: é uma aprendizagem de toda a vida cristã, «uma iniciação cristã integral», que favorece um autêntico seguimento de Cristo, centrado na Sua Pessoa. Trata-se, de facto, de educar no conhecimento e na vida de fé, de tal maneira que a pessoa, na totalidade do seu ser, nas suas experiências mais profundas, se sinta fecundada pela Palavra de Deus. Ajudar-se-á, assim, o discípulo de Cristo a transformar o homem velho, a assumir os seus compromissos baptismais e a professar a fé a partir do «coração»;*
- 3) *“É uma formação de base, essencial, centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã, nas certezas mais profundas da fé e nos valores evangélicos mais fundamentais.*

A catequese lança os alicerces do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilitando-o a receber o sólido alimento posterior, na vida ordinária da comunidade cristã”. Para que tal seja possível é necessário comprometer-se com as seguintes tarefas:

- a) é necessário formar catequistas, em perspectiva de iniciação cristã. Só catequistas iniciados na fé poderão levar a cabo uma catequese de iniciação cristã;
- b) é necessário desenvolver uma mentalidade de iniciação cristã para que a catequese não se reduza ao meramente circunstancial ou ocasional; supere, incluindo, o mero ensino; proponha aquilo que é “comum” para o cristão, sem polemizar ou ser pesquisa teológica (Cf. DGC, 68);
- c) é necessário que a Catequese de Iniciação incorpore na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé, realizando simultaneamente tarefas de iniciação, educação e ensino (Cf. DGC, 68);
- d) é necessário integrar e coordenar no projecto catequético da comunidade cristã a catequese de crianças, adolescentes, jovens, adultos e anciãos de modo a que não sejam compartimentos estanques, mas complementares.

3. A RECUPERAÇÃO DA PEDAGOGIA ORIGINAL DA FÉ

Ao falarmos de Pedagogia da fé, há algumas notas prévias que importa destacar.

A primeira nota é a de que a Pedagogia da fé situa-se e tem como marco de referência a iniciação cristã, tem como fonte a revelação e como caminho a Pedagogia. Daqui deriva que a pedagogia é mais (imensamente mais) que metodologia ou didáctica;

A segunda nota tem a ver com o catequista: a pedagogia catequética é inseparável do ser e do saber do catequista; é portanto uma pedagogia integrada e integradora, nunca desligada do ser e do saber do catequista;

¹⁵ A “educação permanente” na fé, mais ampla, realiza-se através de múltiplas acções e abarca toda a vida do cristão. É um complemento da catequese de iniciação que ajuda a amadurecer na fé pessoal e na vida comunitária. Diversas formas de catequese permanente (Cf. DGC 71-72): o estudo e o aprofundamento da Sagrada Escritura; leitura cristã dos acontecimentos a partir da doutrina social da Igreja; catequese litúrgica em determinadas circunstâncias da vida pessoal, familiar, eclesial e social; formação espiritual que ajuda a perseverar na oração e no seguimento de Cristo; ensinamento teológico que ajuda a crescer na inteligência da fé.

A terceira nota visa sublinhar que a pedagogia catequética como pedagogia da fé não deve nunca consagrar nenhuma escola ou método pedagógico. Em catequese a única pedagogia, a pedagogia modelo e matriz, é a pedagogia de Deus.

A última nota serve para afirmar sem sombra de dúvida que a pedagogia catequética não é o cerne do problema: o problema é a transmissão da fé que obviamente tem uma componente pedagógica mas não essencial.

A III Parte do Directório Geral da Catequese caracteriza a Pedagogia da Fé como pedagogia original. Assim, a nosso ver, é absolutamente crucial para uma catequese renovada a recuperação duma pedagogia original da fé.

1. A pedagogia da fé apresentada pela revelação - Esta pedagogia original da fé tem de recorrer à revelação como dom salvífico (a revelação é mais que um *modus vivendi*) e promover o acolhimento desse dom, promovendo o olhar para a história da salvação, numa atitude dialogica salvífica. A tarefa da pedagogia catequética desenvolvida pelo catequista é a de “proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele” (DGC, 139).

2. A pedagogia da fé oferecida por Cristo - A pedagogia original da fé tem de situar-se por e em referência a Jesus Cristo, porque Ele é o mediador, a plenitude (DGC, 40-41) e o centro da revelação. Jesus Cristo é o fundamento, a origem e a meta do homem. A salvação apresentada pela revelação é oferecida por Cristo “como plena participação na Sua causa e no Seu destino” (DGC, 140). Esta pedagogia da fé oferecida por Cristo supera todo o dualismo porque “Ele trouxe ao mundo o supremo dom da salvação, realizando a Sua missão de redentor” (DGC, 140).

3. A pedagogia da fé acompanhada pela Igreja no Espírito - A Igreja “tem vivido a sua missão como continuidade visível e actual da pedagogia do Pai e do Filho” (DGC, 141). Esta pedagogia verifica-se em primeiro lugar naquilo que a Igreja é, anuncia e celebra, realizando e permanecendo sempre como “o lugar vital, indispensável e primário da catequese” (DGC, 141). Assim a Igreja, através da Iniciação cristã, é uma escola básica de fé e de aprendizagem cristã. Mais, a Igreja desenvolveu e conserva um “incomparável tesouro de pedagogia da fé” dos quais o catecismo, enquanto fonte de referência da fé e fonte de verdadeira pedagogia catequética, é um notável testemunho.

Este acompanhamento da Igreja opera-se sob a acção do Espírito Santo na Igreja como um todo e em cada cristão. O Espírito Santo é mestre interior que suscita a obra de crescimento da própria Igreja. Esta acção do Espírito implica uma pedagogia da primazia da graça (NMI, xxx).

4. A Pedagogia da fé ao serviço da Iniciação Cristã - O Directório utiliza três termos para caracterizar a catequese. São eles iniciação, instrução e educação. Reconhecendo a implicação e exigência mútua entre estes termos importa sobretudo sublinhar três aspectos relativos à pedagogia: a) É necessário que a pedagogia catequética apresente e tenha uma proposta clara. Essa proposta é a vocação baptismal, a profissão, celebração, vivência e oração da fé; b) É necessário que a proposta não se reduza, nem se feche no horário semanal da sessão ou encontro de catequese: Mais: é necessário que a proposta e pedagogia da fé não seja escrava do acto ou itinerário catequético, pelo menos no modo didáctico como o concebemos; c) Numa catequese de iniciação cristã, o catequista ocupa um lugar central. Na falta das vias e âmbitos

tradicionais, o catequista assume um papel absolutamente relevante. A pedagogia catequética tem de levar a sério a (formação e a) personalidade do catequista como iniciado na fé.

5. A Pedagogia da fé acessível ao catequista e ao catequizando - Um dos desafios fundamentais que a pedagogia catequética tem hoje de aceitar e assumir é o de procurar desenvolver uma pedagogia “fácil e acessível” para catequistas simples e academicamente pouco preparados. A catequese de Iniciação Cristã não é para uma elite de saber doutrinal. Isso significaria desvalorizar as outras dimensões da fé como a profissão, celebração e oração da fé. Todavia, porque não se deve nivelar por baixo a formação pedagógica dos catequistas é necessário um esforço pedagógico por tornar simples, “fácil” e acessível a pedagogia catequética. Sublinhe-se com ênfase que isso não supõe banalizar, vulgarizar ou descridibilizar o processo formativo dos catequistas. Ao contrário, isso implica um esforço pedagógico maior e mais empenhado.

6. O desafio da des-escolarização - A catequese, em Portugal, é eminentemente escolar. Segue o calendário escolar; o método é essencialmente iluminista, isto é, explicativo, racional com predominância da inteligência da fé sobre a confissão da fé; os espaços catequéticos são similares aos espaços escolares; o catequista “dá catequese” como o professor “dá” aulas; a ordem “disciplinar” é idêntica à escolar: o horário, as faltas, a relação com os pais, etc. É absolutamente urgente encetar o caminho da des-escolarização da catequese. De entre as várias mudanças necessárias, permiti que destaque a que me parece a mais urgente e necessária: o calendário. É necessário propor como calendário da catequese o calendário litúrgico, apoiando-se sobretudo nos tempos fortes do Natal, Páscoa Pentecostes e dias festivos em clara contraposição sobre o “ano escolar, para os quais os tempos fortes são os tempos de férias, isto, é os tempos fracos. Tratar-se-ia de conceber a progressão catequética, não como uma continuidade linear, por temas ou capítulos, mas como o desenvolvimento concêntrico e “enraizado” no mistério da fé pascal”¹⁶.

4. O DESAFIO DA INTERIORIDADE

A interioridade é uma das dimensões a que os nossos contemporâneos são muito sensíveis e para os quais ainda encontro lugar e espaço. Neste sentido, a catequese, socorrendo-se do inesgotável tesouro da revelação, pode potenciar a interioridade e espiritualidade como oportunidade para “proclamar” Jesus e a fé n’Ele; “atrair” os outros à fé; para “irradiar” alegria, amor e esperança ao seu redor, para que muitos, vendo as suas boas obras, glorifiquem o Pai que está nos Céus e acabem “contagiados” e conquistados; para tornar-se “fermento” que transforma e anima a partir de dentro toda a expressão cultural (EE, 48).

A nosso ver, a catequese poderá assumir este desafio, apostando em três aspectos:

1. A oferta da “manducação” da Palavra de Deus

A fé cristã é uma experiência humanizante: torna possível uma dinâmica de crescimento espiritual que mediatiza o tornar-se sujeito. Quem diz sujeito, diz vida subjectiva e capacidade de gerar interioridade. Esta interioridade é feita de sentimentos e emoções, assim como de pensamentos críticos e de conhecimentos. É nela que cada indivíduo bebe a sua energia e é por ela que constrói a sua experiência. Ao cristianismo não faltam recursos para ajudar ao

¹⁶ Denis Villepelet

desenvolvimento de tal interioridade. Este Deus de amor revelado no seu Filho é íntimo ao coração e só se revela ao homem na profundidade da sua interioridade. Como aconselhava Santo Agostinho a um dos seus discípulos: *“se queres encontrar a verdade entra dentro de ti mesmo, é no fundo de ti que se encontra a verdade, então tu serás exposto fora de ti em direcção a Deus”*. A catequese deveria constantemente suscitar a dimensão experiencial da relação com Deus que permite tocar, sentir e provar a sua presença no coração da interioridade.

Todos sabemos que Deus fala a linguagem humana e que se dirige pessoalmente a cada um. Todavia nenhum ser humano pode escutar esta palavra se ninguém lha der a ouvir! Ninguém pode ouvir *dizer-se* esta palavra a não ser pela voz do outro que a faz ressoar. Não se deverá aqui recordar também a missão da catequese, se esta, como o indica a sua etimologia, consiste em fazer eco da Palavra? A catequese deve aprender a dar lugar à descoberta e à “mastigação” da Palavra de Deus.

Ainda que a palavra de Deus encontre o seu lugar na palavra das escrituras, não se confunde com ela. O sujeito pode dissecar, analisar, explicar, compreender um texto escrito, sem acolher o seu significado profundo e sem que o sinta dirigido a ele. Quantas das nossas crianças são enfartadas até à indigestão de Zaqueu ou da Samaritana, do jovem rico ou dos peregrinos de Emaús, sem saborear o sentido?: estes textos pelo facto de estarem constantemente a serem repetidos perdem o seu sabor e a sua vida! O Espírito dá vida, mas a letra mata! Escutar a Palavra é deixá-la “tomar a palavra” e dirigir-se ao coração da intimidade de cada um. Nós sabemos que a Palavra de Deus é “Jesus Cristo, o verbo feito homem” que interpela a mulher e o homem e lhes propõe um caminho de salvação”¹⁷.

O Papa João Paulo II, na NMI, nº 39 apresenta um método para que “a escuta da Palavra se torne um encontro vital”: a antiga e sempre válida tradição da lectio divina. Esta permite, segundo as palavras do Papa, ler o texto bíblico como palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência.

2. Lugares e/ou espaços de aprofundamento do sentido

No nº 44 da Exortação Apostólica A Igreja na Europa, o Papa João Paulo II, depois de apontar muitos dos sinais de esperança do nosso mundo, e ao falar sobre o dever de anunciar o Evangelho da Esperança escreve que *“no meio da confusão dos acontecimentos humanos, ninguém sabe indicar a direcção e o sentido último das coisas. (...) Abandonado a si mesmo, o esforço do homem não consegue dar um sentido à história e às suas vicissitudes: a vida fica sem esperança. Só o Filho de Deus é capaz de dissipar as trevas e indicar a estrada”*.

Já anteriormente, na NMI, o Papa apontava como desafio para o novo milénio em ordem a corresponder às expectativas mais profundas do mundo, a tarefa de fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão. E explicita com clara lucidez que não se trata de acções concretas, mas que, antes destas, é preciso *“promover uma espiritualidade da comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão (...)”*. E diz o que significa esta espiritualidade de comunhão: a) ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade; b) desenvolver a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico; c) ter a capacidade de ver o que há de positivo no outro para acolhê-lo e valorizá-lo como um dom de Deus; d) saber “criar espaço” para o irmão e rejeitando as tentações egoístas.

E conclui o Papa: *“Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento”* (nº 43).

¹⁷ Denis Villepellet.

A catequese tem de ser um lugar e um espaço vital e comunicativo onde se possa aprofundar o sentido da vida e da fé em contexto de comunhão.

3. A experiência comunitária como experiência de sentido

Muitos cristãos católicos hoje opõem Igreja e comunidade. Para estes, a igreja invoca a instituição hierárquica, as normas, as leis, o proibido... trata-se de uma realidade longínqua e ultrapassada. Ainda segundo os mesmos, a comunidade indica um lugar humano e relacional, fruto de um compromisso mútuo e de uma adesão voluntária ao abrigo de mediações institucionais. De um lado uma sociedade fria na qual se exerce o poder e o cálculo; do outro, as comunidades “quentes”, nas quais se desenvolve a proximidade, a fraternidade e a partilha. Na primeira, somos julgados; na segunda, podemos viver a fé com toda a liberdade.

Esta oposição é consequência de um mal entendido. A Igreja não é uma sociedade fria, organizada hierarquicamente, nem uma comunidade calorosa que excluiria qualquer mediação porque ela é uma comunidade de irmãos e de irmãs. Como dizia Paulo VI, *“A Igreja é o Povo de Deus onde a hierarquia está ao serviço dos membros de Cristo unidos entre si pela mesma caridade.”*. Os membros desta comunidade não se escolhem mas são oferecidos uns aos outros como irmãos e irmãs de um mesmo Pai.

A iniciação a uma vida de Igreja, mergulhada num banho de vida eclesial, é a prova desta vida fraterna, quer dizer, a aprendizagem da caridade e da solidariedade. Só uma igreja solidária, que partilha o desespero e a angústia dos homens numa fraternidade sem fronteiras, poderá da mesma forma permitir uma proximidade de Deus. A catequese deveria viver-se como um lugar que institui as relações fraternas em todas as suas dimensões...

CONCLUSÃO

Tendo em conta o contexto sócio-cultural em que se faz hoje a catequese, as perspectivas novas oferecidas pelo Magistério da Igreja, pensamos que as questões que deixamos para uma nova pastoral catequética podem ser seguramente um ponto de partida para uma reflexão mais ampla e sobretudo para uma práxis mais conforme ao princípio da dupla fidelidade: a fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem, numa única atitude de amor (Cf. CT, 55).